

Buscando alternativas para alfabetização científica em espaços não formais: o caso da “CCL” Casa de Custódia de Londrina-PR.

Linimar Aguiar Fernandes¹ (PG). Moisés Alves de Oliveira (PQ)²

¹ *Agente Penitenciário, Rua Marselha nº 605, Parque Residencial João Piza, Londrina-PR. linimar@hotmail.com.* ² *Professor, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Departamento de Química, moises@uel.br*

Palavras-Chave: Prisão, Alfabetização Científica, PBL.

RESUMO: NOS ÚLTIMOS 12 ANOS, DE ACORDO COM O DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL E PELO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, A POPULAÇÃO CARCERÁRIA NO BRASIL CRESCERAM 300%, O NÚMERO DE PRESOS ULTRAPASSA 470 MIL, SENDO 44% DESSE TOTAL PRESOS PROVISÓRIOS. EMBORA SEJAM PRESOS PROVISÓRIOS, PERMANECEM SOB CLAUSURA POR VÁRIOS ANOS A ESPERA DE JULGAMENTO. O ESTADO ENTENDE QUE PRISÕES PROVISÓRIAS NÃO NECESSITAM DE ESCOLAS, DEIXANDO ESSES DETENTOS SEM ESTUDOS, EM DESATENÇÃO AO PREVISTO NO DECRETO-LEI Nº 7.210 DE 11 DE JULHO DE 1984. POR ISSO ESSES PRESÍDIOS NÃO SÃO DOTADOS DE ESCOLAS OU ESPAÇOS FÍSICOS PARA ATIVIDADES “FORMAIS” DE APRENDIZAGEM, TRANSFORMANDO-OS EM “DEPÓSITOS DE GENTE”. O OBJETIVO DESSE TRABALHO É APRESENTAR OS RESULTADOS DE UMA PROPOSTA DE ENSINO DE CIÊNCIAS, TOMANDO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA O MÉTODO PBL (PROBLEM BASED LEARNING) QUE TRARÁ OPORTUNIDADES AO PRESO DE ESTAREM ESTUDANDO DENTRO DE SUAS PRÓPRIAS CELAS, TENDO A FLEXIBILIDADE DE HORÁRIO E APROVEITANDO SUA OCIOSIDADE COM CIÊNCIA.

INTRODUÇÃO

A educação não deve negligenciar a influência que a construção e tomada de consciência dos sentimentos e emoções de cada sujeito tem para suas relações com o mundo à sua volta, e para seu equilíbrio psíquico, com consequentes reflexos para a construção de tal competência [...] (SANTOS; SILVA, 2002 p. 211).

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)
Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

A população carcerária do país vem aumentando de maneira exponencial, o crescimento de 300% nos últimos 12 anos foi impulsionado pelo aumento do número de presos provisórios, que aguardam julgamento, eles já representam 44% dos 473 mil detentos do país, os dados são do Departamento Penitenciário Nacional e do Conselho Nacional de Justiça e nos mostra a dimensão do problema que essas instituições vêm enfrentando e o problema não para por aí, outros como a super lotação, rebeliões, tempo de aprisionamento e a falta de ensino escolar desvincula muitas das possibilidades da aclamada ressocialização do detento.

A falta de ensino escolar dentro dos CDP (Centro de Detenção Provisória) se deve ao fato do governo não considerar necessário, pois se trata de uma unidade provisória, no qual o preso apenas aguarda o julgamento, mas na prática a maioria permanece sob clausura por mais de 3 anos.

A Casa de Custódia de Londrina (CCL) abriga presos “provisórios” e a realidade da permanência dilatada está presente. Essa condição da CCL representa o modo como a sociedade contemporânea entende e se relaciona com o crime e com o confinamento, e nos provoca, como educadores, ao questionamento em pelo menos duas direções.

A segunda é o sentido produzido pela exclusão desse personagem da sociedade “não criminosa”, tendo como motivação e promessa a passagem/permanência simbólica na clausura como forma de busca de ressocialização, sabedoria e da revelação de seus destinos e de suas verdades eclipsadas; não necessariamente pelo crime, mas pela ausência de discernimento entre a razão social e a loucura.

Os presídios fazem parte da sociedade como um todo, pois atuam como um órgão “controlador”, retirando temporariamente dos locais “livres” pessoas que de alguma forma transgrediram as regras e transportando para onde não possam interferir no exercício de liberdade do consumo, da propriedade e do (dês)(re)pertencimento a grupos sociais distintos, marcas das sociedades ocidentais contemporâneas, com a promessa de serem ali ressocializados. Foucault (1997) nos ajuda a ver nessa clausura compulsória mais do que uma simples utilidade social. Visa à segurança do modelo de racionalidade dos cidadãos e busca evitar que os não ajustados à racionalidade vigente fiquem vagando sem controle, como descreve SALLA (1994) apud ONOFRE (2007,

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)

Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

p.57) “A prisão ainda tem um papel fundamental no nível simbólico; ela é para a sociedade, infelizmente, o grande instrumento de punição e correção dos indivíduos”.

Todo esse desejo/discurso de ressocializar os antissociais em sistemas prisionais simboliza uma inquietude em relação ao oposto diametral de um tipo de razão: um tipo de loucura. O louco ou o desregrado (no nosso caso o bandido) assombra a imaginação do homem ocidental e exerce atração e fascínio sobre ele, dado que ele representa o maior predicado de liberdade que, segundo Bauman (1998), as sociedades fluídas da perpétua autocriação sem fronteiras desejam. Ao mesmo tempo o bandido é o agente capaz de por fim à segurança de agir livremente. Desse mal-estar surge uma solução padrão: reeducar e ressocializar.

A segunda direção, que será objeto desse estudo, vem dessa solução padrão, mas é mais modesta, mais pedagógica, é quase utópica frente ao variegado conjunto heterogêneo de fatores culturais que se articulam na produção do que se entende por bandido. Desde já alertamos para a percepção de que os modos hierarquizados e próprios do pensamento pedagógico, quando postos a funcionar como disciplina escolar, estão longe de dar conta da anunciada ressocialização. São antes, como diz Deacon & Parker (1995) uma idealização neoplatônica que funciona no interior das escolas, dos hospitais e das prisões, como poderosas técnicas hierárquicas de vigilância, exame e sujeição. Comunicações reguladas que na prática levam pouco em conta fatores sociais concretos, dado que parte sempre do princípio de que haverá uma caminhada e um aprendizado em direção a um ideal quase sempre distante do cotidiano em que se situam os destinatários de suas doutrinas. A pedagogia dissociada de outras disciplinas institucionalizadas, tais como a sociologia, psicologia e filosofia, terá poucas chances de avançar no processo de entendimento e problematização da atual identidade do apenado e terá poucas chances de sucesso como ressocialização. Ciente dessa limitação teórico/prática nesse estudo propõe problematizar um caminho que possa ser trilhado na busca por tangenciar a distinção entre o racional (Trabalhador, ético, ajustado ao meio, consumidor e etc.) e o irracional (Mendigo, louco, bandido, preso, fora de moda, gordo e etc.).

Na esteira desse problema com a perspectiva da ressocialização está outro de ordem prática, os presos apresenta alta rotatividade, e permanecem por tempo indeterminado

XV Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ) – Brasília, DF, Brasil – 21 a 24 de julho de 2010

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)

Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

em cada sistema prisional. Por isso, foi necessário buscar um método que trouxesse em seu bojo já uma tradição ao mesmo tempo em que possibilitasse uma maleabilidade modular em que o detendo recebesse um tipo de educação que pudesse ser retomada em qualquer outro espaço. É nessa direção que tentamos, ainda mais modestamente, valermos-nos do que Libaneo (1990) chamou de tendência liberal, para trabalhar junto aos presos da CCL, com o método PBL (Aprendizado Baseado em Problemas) para tratar de assuntos relacionados à ciência química e biológica, que igualmente a outras ciências, tomam da razão sua força motriz. Dos resultados obtidos dessa estratégia, experimentei apontar algumas possibilidades e impedimentos do método quando aplicados à especificidade da vida prisional. Sobre o impacto dessa especificidade, encontram-se, os altos índices de reincidência criminal, rotatividade dos apenados, descrédito dos colegas, ineficácia da gestão pública e do poder judiciário, o desperdício de dinheiro público, e a sensação de incapacidade diante de tantas coisas por fazer em prol de todo o sistema penal evidenciando que este está longe de alcançar êxito em sua promessa primordial que é de ressocialização e inserção do preso na sociedade.

Essa ressocialização que todos esperam do sistema penitenciário, conforme notamos deve partir do próprio sistema e deve estar entrelaçada ao novo mundo que o infrator encontrará dentro dos presídios. Da experiência obtida, o saber mais importante para o apenado e que ele leva em consideração é a possibilidade de o sujeito articular informações e estratégias para a organização da sobrevivência em sua própria condição de existência.

Ficou claro que o conhecimento não é suficiente se, ao lado e junto deste, não se reelaborasse uma nova teoria do conhecimento que desse conta da especificidade da vida dos apenados. Hoje é fato que se prioriza mais a privação de liberdade que a reeducação. Pelo menos dois motivos podem ser evidenciados. O primeiro é o desejo de manter o mais longe possível o sujeito que põe em risco a perda da liberdade do cidadão comum. Decorrente disso, o segundo é a estrutura das penitenciárias, com reforçadas grades de ferro, paredes e muros de concreto e um enorme efetivo policial, que, em última análise, tem um objetivo: evitar a fuga.

XV Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ) – Brasília, DF, Brasil – 21 a 24 de julho de 2010

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)
Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

Ora, (re)agir sobre e contra o confinamento é o que os apenados fazem boa parte do tempo. Lançam mão de estratégias, ciências e tecnologias cujos processos de criação são dinâmicos e dependentes de uma articulação coletiva. Trata-se de um sistema de produção de saberes profundamente local e específico, cujas bases epistemológicas são equivalentes aos trabalhos de arregimentação e alianças utilizados na produção do conhecimento científico, como por exemplo a fabricação de bebidas alcoólicas (popularmente conhecida entre a massa carcerária por “choca”) através de fermentação de resto de comida com cascas de frutas e miolo de pão quase cru, resistências elétricas (para aquecimento de água e alimentos) com pedaços de folha de alumínio retirado da marmitex.

Essa constatação deu causa a ideia do projeto. De certa forma, nos autorizou e nos fez mais seguros de trabalhar saberes científicos nos espaços prisionais, posto já haver ali um movimento discursivo e organizado diametralmente semelhante ao das ciências.

O desafio para o desenvolvimento desse projeto está posto. Buscamos abaixo, mesmo de forma tímida, aliar-nos, como disse Foucault (2003), ao lado mais fraco e tentar alguns ensaios para denunciar que está na hora de mudarmos a filosofia de prisão. É preciso agir, transformar e buscar alternativas que tragam o máximo possível de benefícios a todos, driblar os preconceitos que, de certa forma, desvalorizam o ser humano. Se desejarmos mudanças (não basta apenas desejar!), em relação à tão polêmica “Sociedade Carcerária”; é preciso pensar, discutir éticas, valores e educação dentro dessas instituições e realizar algo diferente do que nos é mostrado todos os dias através da mídia. Essa busca de alternativas para a alfabetização científica em espaços não formais, através do método PBL, é o propósito maior deste estudo que adaptou a metodologia do PBL as especificidades da prisão.

METODOLOGIA

O método PBL é uma estratégia de aprendizagem didática pedagógica centrada no aluno, não se trata de uma metodologia experimental, pois já vem sendo aplicada com eficiência. Nos últimos 30 anos por escolas de vários países, entre elas as pioneiras foram a de McMaster (Canadá) e a de Maastricht (Holanda).

A proposta surgiu devido à necessidade de reformular os modelos pedagógicos tradicionais, nos últimos 10 anos o método PBL vem se expandindo e se incorporando aos currículos escolares da África, Ásia e América.

Escolas como a de Albuquerque, de Harvard, do Havaí (Americanas) e Universidades brasileiras como Universidade Estadual de Londrina (UEL) da Universidade Anhanguera (UNIDERP), em Campo Grande-MS, da Faculdade de Medicina do Governo do Distrito Federal, em Brasília, e da Universidade Estadual de Santa Cruz, da Bahia. A Universidade Federal da Bahia e a PUC-PR também já aderiram ao novo método. Estudam optar pelo PBL os cursos da Escola Paulista de Medicina e da PUC-SP, confirmando com sucesso a eficiência do método.

Para essa proposta de aprendizagem, por suas características de espaço não formal, o método PBL nos parece promissor, pois distancia-se das regras e normas do currículo tradicional, baseado na divisão de disciplinas e adotado na maioria das escolas.

O principal fundamento do método é ensinar a aprender, permitindo que o aluno busque o conhecimento dos diversos meios de difusão disponíveis e que aprenda a pesquisar e utilizar estes meios. Postura essa de extrema importância e essencial para se manter ligado às diversas redes cognitivas do mundo. Como diz Latour (2001, p. 91) “cada etapa é matéria para aquilo que sucede e forma para aquilo que precede”, nada está isolado e sim ligado a uma grande rede de conexão.

O método PBL também ajuda a desenvolver a agilidade e a criatividade, requisitos fundamentais para uma boa formação. A avaliação dos alunos formados em escolas que adotaram o método tem demonstrado que os alunos são mais independentes, retêm por mais tempo os conhecimentos adquiridos e desenvolvem uma postura inquisitiva e de estudo permanente.

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)
Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

O método PBL se encaixa perfeitamente as necessidades da prisão provisória e não provisória que abrigam presos definitivos e contam com escolas. Existem dentro das prisões muitas obstruções do direito aos estudos, dentre elas estão a falta de roupas adequadas, problemas hierárquicos entre os detentos que “comandam” a galeria, funções ilícitas que alguns presos por ordem de outros são obrigados a realizar, ficando impedidos de saírem da cela, rotatividade, ocorrido por liberdade condicional, mudança de unidade, isolamento, troca de galerias, acredito que esse fator é o grande diferencial para essa proposta.

Situação esta que fica evidenciada numa pesquisa realizada na unidade prisional de presos condenados e que tem escola, segundo o depoimento da Professora de matemática do CDR, Londrina, “[...] Existem aproximadamente 230 alunos matriculados no EJA (Educação de Jovens e Adultos), mas apenas uns 50 assistem às aulas, mas não todas [...]”.

Aproveitando de todas essas características que o método PBL oferece, adaptamos seu currículo as especificidades da CCL.

As vantagens do método aplicado à prisão são várias.

O preso estuda dentro da sua própria cela, (fator primordial para prisões provisórias) sem a presença do professor, apenas com a orientação de um Tutor que poderá ser um próprio preso.

O preso estudará devido a uma necessidade (e são as necessidades que fazem as diferenças) surgida dentro do espaço não formal em que vivem.

Ele poderá fazer seu próprio horário de estudo e conseqüentemente aproveitará melhor seu tempo.

O ENSAIO METODOLÓGICO FOI DIVIDIDO EM DUAS ETAPAS:

A primeira com questões investigativas, que teve o intuito de fazer um prévio reconhecimento dos alunos (sondagem), no qual foram levantados alguns dados relevantes para a aplicação do método, no qual foi confirmada que a maioria dos presos não conseguiram concluir o ensino fundamental, estão presos em média há dois

XV Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ) – Brasília, DF, Brasil – 21 a 24 de julho de 2010

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)

Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

anos e o motivo por estarem presos, na sua maioria era algum envolvimento relacionado direto ou indiretamente com drogas.

O questionário também evidenciou por parte dos alunos presos a necessidade de mudanças no ensino tradicional, haja vista que a maioria apontou o ensino como sem graça e não motivador. Esse quadro leva ao principal objetivo após estarem livres: trabalhar, melhorar de vida e tentar sair do mundo do crime, mas nem sempre conseguem.

“[...] antes de cair preso já era difícil encontrar um serviço porque eles cobram muito estudo e eu não pude estudar agora minha cadeia vai ser perpétua senhor! Porque além de pobre sem estudo vou ser ex-presidiário quem vai querer dar emprego pra mim? O que me resta é roubar “dinovo” [...]” (PRESO 04/2010).

Os apenados ocupam o tempo principalmente assistindo à televisão e praticando atividades físicas, o tempo ocioso e a oportunidade de fazer algo útil são apontados como principal motivação para estudarem.

A segunda etapa foi à aplicação da questão problema, baseado no método PBL.

Foram escolhidas aleatoriamente oito celas contendo em média cinco presos, mas, nem todos quiseram participar, em média 4 (quatro) de cada cela aceitaram fazer o teste.

O estudo teve como tema problemas comuns com os quais os presos se deparam cotidianamente dentro das prisões: Como aproveitar o tempo ocioso que tens dentro da cela, com algo que lhes beneficie fora dela? E Por que não é permitido o consumo de frutas como Limão, Abacaxi e Uva dentro das unidades penais?

Um manual explicativo sobre os procedimentos, com a devida explicação verbal, foi apresentado aos presos para o melhor desenvolvimento dos estudos.

Os procedimentos para a realização deste estudo compreendem três fases. Na 1ª fase o grupo se reuniu para solucionar um problema. Cada integrante do grupo respondeu sem se preocupar se sua resposta estava correta. Responderam, como disseram com o que primeiro veio à cabeça, sem pensar muito. Deram, inclusive, quantas respostas quiseram. Estas foram classificadas como C.A (Causas Aparentes).

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)
Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

OBS: O grupo escolheu um membro para ser o secretário. Este teve a função de anotar todas as respostas e as partes mais importantes da discussão de resultados. Assim escrevendo o que é dito, facilitou a participação de todos.

A segunda fase do estudo iniciou com a defesa das respostas anotadas na fase anterior. Cada pessoa que deu uma resposta passou a defendê-la. Se achar que sua resposta é realmente uma das causas do problema deverá justificá-la. Nesta fase muitas respostas serão eliminadas, pois não será considerada uma C. Aqueles que sobrarem serão classificados como CVP (Causa Verdadeira Potencial) e passarão a serem o foco das pesquisas servirão também como novas questões onde o tutor orientará o aluno a pesquisar.

A 3ª fase constitui-se na defesa separadamente, de cada uma das respostas classificadas na fase anterior como CVP. Esta defesa será feita a partir de pesquisas e estudos. De modo a chegar-se a uma conclusão unânime e o mais próximo possível de ser a correta, que por sua vez será corrigida pelo aplicador do estudo e devolvida com as explicações devidas.

O que se espera alcançar a partir da questão 01 é que as diferentes respostas apontem para a real necessidade de ocuparem seu tempo com estudos.

A partir dessa proposição o próximo passo foi aplicar outra questão, cujo objetivo foi teorizar o conhecimento informal para o conhecimento científico formal.

Seguiram todo o procedimento e nomearam como tutor o bibliotecário, pois este tem acesso às quatro galerias.

Após apresentarem várias C.A (Causas Aparentes) as discussões levaram à necessidade de pesquisas em livros didáticos. Estes solicitados ao tutor.

Após as pesquisas, 60%, chegaram aos resultados esperados

CONCLUSÃO

Neste trabalho nos propusemos a estudar dentro de um contexto prisional uma alternativa para alfabetizar cientificamente os detentos que estão nas penitenciárias de regime provisório, aguardando julgamento, apesar de todos os problemas ocorridos com a falta de material didático, (problema esse resolvido depois da aplicação e finalização do método), descrédito por parte de algumas pessoas, Blitz do pelotão de choque e por ser ainda ser uma proposta que está na “incubadora” causando estranhamento às mudanças e por ainda não ser uma normatização estatutária, concluímos que mesmo dentro de espaços não formais como uma penitenciária há possibilidades de ensinar e aprender, pois, os resultados obtidos com esse ensaio atingiram seus objetivos, principalmente o de iniciar um mapeamento crítico das condições reais de ensino de ciências no espaço prisional.

Os presos, como era esperado, alcançaram uma relativa capacidade de distinção entre os saberes elaborados conforme suas especificidades e o saber científico, (no caso da questão que relacionava as frutas com a confecção de bebidas alcoólicas).

Conseguimos vislumbrar potencialidades na capacidade dos detentos em se organizar, perseverar e resolver problemas através da necessidade da busca do seu próprio conhecimento, a relatar seus conhecimentos populares e científicos (este no caso das pesquisas).

Dado que este estudo é basicamente exploratório, relatamos que estamos motivados em sua continuidade. O que já está ocorrendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

XV Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ) – Brasília, DF, Brasil – 21 a 24 de julho de 2010

Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ)
Instituto de Química da Universidade de Brasília (IQ/UnB)

DEACON, Roger, PARKER, Ben. Educação como sujeição e como recusa. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 97-110.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: 2º Ed. Vozes, 1987.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ONOFRE, E.M.C. (Org.). **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar. 2007.

SANTOS, G.A; SILVA, D.J. (Org.). **Estudos sobre ética**: a construção de valores na sociedade e na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.